



# Homenagem lembra exemplo de luta de portugueses vítimas do franquismo

Os nomes de 56 cidadãos nacionais que morreram na Galiza às mãos do regime totalitário espanhol foram gravados num monumento evocativo que ontem foi inaugurado em Monção

**Evocação**  
Samuel Silva

As conquistas democráticas para as quais contribuíram aqueles que lutaram contra o fascismo em Espanha estão ameaçadas pela actual conjuntura europeia, que afecta os dois países ibéricos. A ideia foi ontem defendida durante uma homenagem aos 56 portugueses que foram mortos pelo franquismo na região da Galiza, que decorreu junto à fronteira de Monção.

Os nomes das vítimas nacionais do regime totalitário espanhol foram lembrados pelo historiador Fernando Rosas, para quem “a homenagem aos que tomaram no passado” pode servir como forma de “ajudar a construir um presente e um futuro digno dos seus sacrifícios”.

“O presente está carregado de ameaças e dificuldades para as conquistas democráticas e sociais dos nossos povos”, sublinha o professor da Universidade Nova de Lisboa. O investigador e dirigente do Bloco de Esquerda recorda que os portugueses vítimas do regime fascista em Espanha lutavam ali também a favor da democracia em Portugal, pelo que a implantação da democracia nos dois países, quase 40 anos depois, é também conquista sua.

A ideia foi sublinhada também pelo reitor da Universidade do Minho, António Cunha, que sublinhou os valores defendidos por estes portugueses, que acabaram por ser importantes para a construção de uma alternativa democrática nos dois países. “Na Europa de hoje é cada vez mais importante percebermos a relevância de quem lutou por ideias e deu tudo, incluindo a vida, por elas”, disse António Cunha.

Monção associou-se ontem a uma evocação dos mortos do franquismo, que tinha tido uma primeira manifestação pública, no mês passado, na cidade galega de Ourense. Uma investigação da Universidade de Santiago de Compostela - que teve colaboração da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade do Minho - permitiu identificar os nomes de muitas das vítimas do regime fascista e concluiu que, pelo menos, centena e meia de portugueses que viviam na Galiza foram alvo de represálias durante a Guerra Civil e



Monumento lembra os nomes e as cidades de origem das vítimas portuguesas do franquismo na Galiza

## Aprofundar o trabalho

### Investigação identificou “número mínimo”

A investigação que permitiu apurar a identidade dos portugueses mortos pelo franquismo deverá ser aprofundada. Os historiadores que fizeram o estudo na Galiza defendem que os nomes identificados são um “número mínimo”. A participação de investigadores de Portugal numa segunda fase do estudo pode permitir reconhecer cidadãos que tenham “castelhanizado” os seus nomes, por exemplo. O historiador Fernando Rosas defendeu a necessidade de alargar este



trabalho a outras regiões, atendendo à “reconhecida emigração de portugueses para outras regiões do Estado espanhol”, especialmente para as minas das Astúrias e da Andaluzia.

nos anos que se seguiram à vitória de Francisco Franco.

Estes cidadãos não participaram directamente na guerra, até porque os militares na Galiza “esmagaram à partida toda a tentativa de resistência”, como sublinhou Fernando Rosas. Mas eram trabalhadores rurais, da construção e pequenos comerciantes, militantes de partidos de esquerda e sindicalizados, o que lhes valeu a perseguição. Destes, 56 pessoas, com idades entre os 17 e os 70 anos, foram mortas. Neste grupo incluíam-se duas mulheres, mas os investigadores apenas incluíram os nomes daquelas sobre quem recaíam completas certezas quanto à nacionalidade (ver caixa).

Monção inaugurou ontem um monumento com os nomes e as cidades de onde eram provenientes de todas as vítimas portuguesas do Franquismo, que foi colocada junto

à ponte transfronteiriça. Ao início da tarde, os nomes foram lidos durante longos minutos por membros da Associação de Amigos da República de Ourense, União de Resistência antifascistas de Portugal e da associação Não Apaguem a Memória. A cada português nomeado seguiu-se um rufo das caixas do grupo de gaiteiros “Os caixeiros”, numa homenagem a que se juntaram algumas dezenas de pessoas dos dois lados da fronteira, empunhando bandeiras portuguesas, galegas e da república espanhola.

Na evocação era esperado o ex-Presidente da República Mário Soares, que não pode estar presente por questões de saúde. Soares enviou uma carta, lida por Rosas, em que recordou a forma como viveu a Guerra Civil espanhola, acompanhada à distância pelo seu pai através das emissões da rádio Madrid.